

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Luciana Rodrigues de Medeiros

TRAJETÓRIA DE PROFESSORAS SURDAS:  
de tornar-se surda à docência no Ensino Superior

Porto Alegre - RS

Maio/2022

Luciana Rodrigues de Medeiros

TRAJETÓRIA DE PROFESSORAS SURDAS:  
de tornar-se surda à docência no Ensino Superior

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dra<sup>a</sup>. Juliana de Oliveira Pokorski

Porto Alegre - RS

Maio/22

## AGRADECIMENTOS

Os anos de graduação me deram muito mais que um diploma. Finalizo meu Trabalho de Conclusão de Curso, com certeza, uma pessoa muito diferente. Aprendi e me transformei, muitas vezes de forma dolorida, em uma pessoa mais resiliente, compreensiva e com um olhar muito mais carinhoso e transformador para o meu redor.

Uso esse espaço para deixar de maneira escrita e eterna meu agradecimento a minha família, que se fez presente, estando perto ou longe. Minha mãe, Ruth, meu suporte durante a vida toda, agradeço por todo carinho e apoio no dia a dia, e aos que estão longe, pelo amparo e por todo o amor, que fazem com que eu me sinta mais forte e capaz de alcançar tudo o que eu almejo.

Ao Rafa e ao Chico dou a responsabilidade de me fazerem feliz. Deixam meu dia mais leve e, mesmo quando os momentos não são tão favoráveis, estão comigo pra me lembrar que tenho tudo o que importa e isso basta.

Aos amigos, que ao longo desses anos puderam presenciar de perto as minhas transformações, agradeço por quererem ficar e por fazerem parte dessas mudanças, já que em mim tem um pedacinho de cada um de vocês.

E por fim, trago aqui a minha gratidão a todos os docentes citados neste trabalho pela potência de suas presenças políticas dentro da universidade, e também a minha orientadora, Juliana Pokorski, companheira que seguiu ao meu lado, sempre de forma muito carinhosa e inspiradora, na finalização desse processo tão importante na minha trajetória.



Fonte: Página do Armandinho no Facebook

<<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/np.19750383.100005065987619/923529761025664/>>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explicitar a trajetória de desafios e conquistas que professoras surdas percorreram até chegarem ao cargo de docentes de ensino superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O trabalho foi realizado analisando de forma qualitativa as narrativas surdas divulgadas nas teses e dissertações de três atuais docentes surdas da UFRGS e em entrevistas concedidas por esses mesmos sujeitos em eventos on-line, promovidos por projetos de extensão e disponibilizadas em modo público no Youtube. As reflexões foram feitas a partir de elementos que evidenciam a identidade e cultura do surdo, como também o contexto atual das políticas públicas de inclusão, além de problematizar sobre os possíveis efeitos da presença da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), assim como dos docentes surdos, na universidade. A análise da trajetória dessas professoras surdas pode evidenciar os constantes desafios perpassados e colaborar para a construção de novos caminhos para a participação efetiva dos surdos dentro da sociedade.

Palavras chave: Educação de surdos; Narrativas surdas; Docentes surdos; Surdez.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	5
<b>2. A LIBRAS E ONDE ELA ME TOCA</b>	7
<b>3. OS ALICERCES DESTA PESQUISA</b>	14
3.1. BIANCA, ERIKA E CAMILA	21
<b>4. A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO</b>	24
<b>5. A VALORIZAÇÃO DA DIFERENÇA</b>	29
<b>6. ESTE TRABALHO CHEGA AO FIM</b>	33
<b>REFERÊNCIAS</b>	35

## 1 APRESENTAÇÃO

Para iniciar esse trabalho tomo emprestada as palavras de Vieira-Machado e Lopes (2016, p. 636) na apresentação da seção temática “Educação de Surdos: desdobramentos filosóficos, linguísticos e pedagógicos” da revista Educação e Realidade. Neste trabalho, assim como no referido dossiê, não se pensa a surdez a partir de uma perspectiva da deficiência, “a surdez é uma presença no corpo daquele que não ouve. Uma presença que agrega valor de pertencimento a uma comunidade linguística em particular, que compartilha uma forma de vida surda.”. Deste modo, compreendemos que embora os corpos surdos tragam marcas de histórias de correção, ao longo da história dos surdos a surdez também foi condição primordial para identificação de um grupo, que se centraliza na experiência visual e na língua de sinais

Como é bem sabido, desde a última década do século passado até o presente, os surdos vêm em um crescente gradiente de conquista de seus direitos. Hoje, além de terem a língua de sinais reconhecida como língua dos surdos brasileiros, formam-se em distintos cursos nas universidades brasileiras, prestam concursos públicos, ensinam a sua língua para interessados em aprendê-la, orientam pesquisadores que estão iniciando suas vidas acadêmicas nas universidades, participam ativamente da produção bibliográfica sobre os sujeitos surdos, militam nas ruas, fazem políticas, definem práticas educacionais, exigem intérpretes de qualidade nas instituições, etc. (VIEIRA-MACHADO & LOPES, 2016, p. 635)

Tendo como pano de fundo o cenário apresentado pelas autoras, o presente trabalho tem como objetivo analisar narrativas sobre a trajetória de docentes surdas, identificando recorrências e singularidades de seus percursos de vida até se tornarem professoras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Tal objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos: a) investigar as narrativas de docentes surdas sobre os seus processos de escolarização, compreendendo que esses processos podem ser a base do percurso que os levaram a carreira acadêmica; b) discutir os significados atribuídos pelas docentes surdas sobre as identidades e culturas surdas, de modo a refletir sobre as compreensões sobre si mesmos e sobre os possíveis impactos da presença surda no Ensino Superior.

Durante o processo de construção da pesquisa foi necessário levar em conta a peculiaridade deste trabalho de conclusão ter sido pensado e desenvolvido em durante a disseminação mundial do COVID-19 e suas variantes. O fato de ser inteiramente produzido durante uma pandemia foi fator decisivo para a escolha dos materiais e a forma de execução do mesmo. O objeto de análise da presente pesquisa, portanto, foi construído a partir de

materiais disponíveis de maneira pública para consulta (teses, dissertações e vídeos disponibilizados no youtube) e a metodologia adotada envolveu a análise qualitativa de narrativas presentes nesses documentos.

Na seção intitulada como “A Libras e onde ela me toca”, conto sobre meu primeiro contato com a Libras e a comunidade surda, e trago as reflexões que essas experiências me trouxeram. Escrevo uma introdução à história da Libras e da comunidade surda e também conto sobre como a Faculdade de Educação da UFRGS (FACED) está inserida nesse contexto.

Na seção “Os alicerces desta pesquisa” trago, de maneira a elucidar os leitores deste trabalho, os materiais escolhidos para as análises que proponho, e também o motivo de tê-los priorizado. Ainda nessa parte, aponto algumas pesquisas que evidenciam articulações com a temática por mim escolhida, de maneira a subsidiar as análises que produzo na sequência, além de trazer uma subseção onde apresento cada uma das três docentes as quais suas trajetórias foram utilizadas para as análises promovidas ao longo do texto.

Dando continuidade, em “A educação como caminho para a emancipação”, apresento o início da trajetória das professoras analisadas. Começando pela descoberta de ser surda e passando pelos processos de escolarização, trago o momento de experimentação de uma outra realidade, em que é possível ter a Língua de sinais como primeira língua, e também apresento o caminho que elas percorreram para tornar isso viável.

Na seção intitulada “A valorização da diferença”, escrevo sobre o que é ser professor universitário, centrando a discussão nos três pilares da atuação universitária: ensino, pesquisa e extensão, e trazendo reflexões acerca dos significados de ser um professor universitário surdo. Discuto as narrativas sobre a formação em nível de graduação e pós-graduação, além de refletir e analisar sobre o que a presença de um docente surdo produz dentro do ambiente universitário.

## 2 A LIBRAS E ONDE ELA ME TOCA

Desde o dia 22 de dezembro de 2005 a Língua Brasileira de Sinais (Libras) passou a ser disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores e nos cursos de Fonoaudiologia, segundo o Art. 3º do decreto nº 5.626<sup>1</sup>. Essa conquista foi fruto da luta do povo surdo pelo reconhecimento da pessoa surda e de suas diferenças linguísticas e culturais. Na graduação em Ciências Biológicas da UFRGS, curso em que me encontro, a disciplina EDU03071 - Língua Brasileira de Sinais (Libras) é obrigatória no sétimo semestre, sendo uma das últimas disciplinas obrigatórias da graduação.

Em 2015, quando ingressei na universidade, enquanto analisava as disciplinas que iriam fazer parte do meu segundo semestre na graduação, decidi adiantá-la. A partir desse momento o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) já se encaminhava, apesar de, na época, eu não saber disso.

Cursei a disciplina de Libras, disciplina introdutória da Língua de sinais, no segundo semestre e essa experiência me transformou. Eu estava no início da minha graduação, não sabia muito bem como tudo funcionava, e no momento da minha inscrição na disciplina escolhi a professora de forma aleatória. Não pesquisei sobre ela antes, nem tinha algum colega mais antigo no curso para quem pudesse recorrer.

A minha primeira aula, que também coincidiu com ser a minha primeira aula na FACED, jamais irei esquecer. Entrei na sala e minha primeira surpresa: não haviam mesas e as cadeiras estavam uma ao lado da outra, formando um círculo. Escrevendo essa frase agora, sete anos depois, depois de tantas aulas da FACED, ela me parece óbvia demais, mas para uma jovem de dezoito anos, recém saída de um sistema educacional no qual passou doze anos onde o normal era o professor estar à frente da sala e os alunos estarem um ao lado do outro, sem contato visual, foi marcante.

Sentei em uma das cadeiras e me senti como uma criança em um local totalmente novo, olhando atentamente para todos os detalhes. Óbvio que já havia estado em inúmeras salas de aula antes, mas em nenhuma naquele formato, ali eu podia olhar nos olhos de todos, e todos podiam olhar os meus. A sala estava muito barulhenta e a professora usou os primeiros minutos de aula para escrever algumas palavras no quadro. Após escrever palavras

---

<sup>1</sup> A lei previu um período de dez anos para que todos os currículos fossem atualizados e que se fizesse presente, de forma obrigatória, a disciplina de Libras. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) a primeira disciplina de Libras se fez presente em 2008.



como “Oi” “Bom dia” e “Tudo bem?” ela virou-se para nós e bateu palmas. Todos imediatamente olharam para ela e foi então que ela sinalizou que era surda.

Ao me matricular na disciplina de Libras em nenhum momento eu imaginei que teria uma professora surda e ao me deparar ali, com a Bianca como minha professora, foi quando percebi que eu não estava matriculada numa disciplina apenas para aprender a Língua de sinais. Naquele momento, e em todas as aulas seguintes, a reflexão de “Por que eu decidi fazer essa disciplina?” e “Por que em nenhum momento eu cogitei que a minha professora pudesse ser surda” me transpassou e fez com que eu terminasse o semestre sabendo sinais básicos da Língua de Sinais, mas também admirada com a riqueza da cultura surda e com o questionamento do motivo de o meu primeiro contato com uma pessoa surda tenha sido apenas aos meus 18 anos.

No semestre seguinte esses sentimentos de admiração e questionamentos se mantiveram em mim e foi quando decidi me inscrever para ser monitora da disciplina. O email de confirmação de inscrição e que informava qual seria o dia e o horário da entrevista havia sido encaminhado para dezenas de outros alunos além de mim e eu já estava desacreditada que seria selecionada. A seleção foi em um dia de manhã bem cedo, e fui a primeira a chegar. A cada minuto que passava o corredor do oitavo andar da FACED se enchia cada vez mais de estudantes interessados na seleção. Me mantive em pé, em frente à porta, aguardando ser chamada.

A professora Emiliana me chamou e quando entrei na sala o que vi foi uma mesa oval com três professoras em volta. Sentei e se iniciou a entrevista. Cada uma delas me fazia uma pergunta, em Libras, e eu, extremamente nervosa, tentava responder sinalizando. Eu estava tão ansiosa que não sei dizer se a entrevista durou dois ou vinte minutos. Me lembro apenas da pergunta: “Por que tu quer ser monitora de Libras?”.

Ao sair da entrevista, fui caminhando para casa e minha mente borbulhava. Novamente, assim como no meu primeiro dia de aula, em nenhum momento passou pela minha cabeça que quem fosse fazer a minha entrevista fossem professoras surdas e que tudo seria sinalizado, sem intérprete. A cada situação dessas eu via o quão uma sociedade capacitista enraiza ideias preconceituosas em todos nós, e o quão necessário é a presença de pessoas surdas em diferentes ambientes, incluindo a universidade, para que esse preconceito não se faça mais presente.

“Eu quero ser monitora de Libras pois quero aprender, cada vez mais, sobre a Língua de sinais e a cultura surda”. Essa foi a minha resposta.

Fui selecionada e enquanto era monitora de Libras I, cursava Libras II, disciplina eletiva para o meu curso. Ao longo da minha graduação foram seis semestres de monitoria e com isso estive muito tempo presente na sala Adriana Thoma<sup>2</sup>, situada na sala de número 805 e que comporta as áreas de Libras, educação especial e inclusiva e educação bilíngue. Além de ter contato diário com professores surdos, também foi onde tive a oportunidade de presenciar inúmeros exemplos de uma educação inclusiva de qualidade, conjuntamente com diversos momentos de preconceito e a falta de acessibilidade.

A cada aula em que eu me fazia presente como monitora, percebia diferentes reações dos alunos ao serem informados que a professora era surda. Perceber pequenos detalhes, agora vistos com um olhar um pouco mais cuidadoso, me traziam inúmeras reflexões. Muitos alunos, ao saberem que a professora era surda e que havia uma monitora ouvinte, recorriam a mim para qualquer dúvida, mesmo que a professora, muito mais qualificada que eu, estivesse ao meu lado. Eu entendia que a falta de segurança para tentar usar a Libras pudesse ser o principal motivo para que eles viessem até a mim ao invés de contatar a docente, mas essa preferência muitas vezes causava, dentro de mim, constrangimento.

Revisitei essas lembranças de maneira mais crítica a partir da leitura da tese de doutorado de Flaviane Reis (2015), na qual a pesquisadora tece alguns questionamentos acerca das relações de poder presentes dentro de uma sala de aula com um professor surdo, e apresenta, por experiência própria e a partir de relatos de outros docentes surdos, um movimento no qual se duvida das condições de saber de um sujeito apenas por não ouvir. A autora apresenta relatos, por exemplo, em que docentes surdos e ouvintes com a mesma formação são tratados de maneira distinta e afirma que parece existir uma dúvida sobre as possibilidades de assimilação de conhecimentos por parte dos sujeitos surdos. Esses relatos abordados por Reis me parecem estar presentes na preconcepção dos alunos de Libras, de que eu, graduanda no curso de Biologia e ouvinte, poderia ser mais capaz do que uma professora, mestre em Educação e surda, de sanar uma dúvida relacionada a Língua de sinais. Tais experiências e reflexões me impulsionaram a realizar essa pesquisa, desejosa em estudar, refletir e compreender mais sobre as identidades e culturas surdas e de alguma maneira como ouvinte, contribuir para modificar estes cenários.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), no censo realizado em

---

<sup>2</sup> Em 2019, a professora Adriana da Silva Thoma, então docente da Faculdade de Educação, faleceu. A docente era, e ainda é, reconhecida pela suas pesquisas no campo da Educação de Surdos e pelo seu intenso envolvimento com os Estudos Surdos e com as políticas de Educação Bilíngue e inclusiva e por isso a sala recebeu o seu nome, como reconhecimento por tudo que ela representa para as áreas que aquele espaço comporta.

2010, 5% da população brasileira é composta por pessoas surdas, ou seja, esta porcentagem corresponde a mais de 10 milhões de cidadãos, dos quais 2,7 milhões possuem surdez profunda, portanto, não escutam absolutamente nada (IBGE, 2010). Todos esses milhões de cidadãos têm direito à inclusão escolar, alicerçada no princípio jurídico que estabelece a educação como direito humano básico e fundamento de uma sociedade justa e democrática, que é compreendida como uma política educacional que apoia e acolhe a diversidade de todos os estudantes (UNESCO, 1990). Além disso, à Libras, que é composta de um extenso e complexo repertório lexical sinalizado, foi assegurada, em 2002, pela Lei 10.436, o status de meio legal de comunicação e expressão. Desde então, escolas, faculdades, repartições do governo e empresas concessionárias de serviços públicos estão obrigadas a providenciar intérpretes para atender aos surdos.

Para compreender os impactos quantitativos do ingresso de professores surdos no ensino superior, vale mencionar a pesquisa de Reis (2015). A autora afirma que, com a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de graduação, em todo o país, até 2015, o número era de 174 professores surdos atuando em instituições públicas de ensino superior. Ela destaca a importância deste número como de grande significado depois da luta pelo decreto nº 3.298 (BRASIL, 1999), onde se regulamenta a Lei nº 7.853, de 1989, que consolida normas de proteção e dá outras providências para a integração da pessoa com deficiência. Nesse documento se destaca o Art.6º, no qual se decreta a obrigação de estabelecer mecanismos que acelerem e favoreçam a inclusão social da pessoa com deficiência, e o Art. 7º, onde se coloca como objetivo o acesso, o ingresso e a permanência da pessoa com deficiência em todos os serviços oferecidos à comunidade.

Na UFRGS, a disciplina de Libras é ministrada a partir da FACED, unidade onde tivemos os primeiros docentes surdos da universidade, e espaço onde até hoje temos o maior número de servidores surdos lotados. O prédio que é o símbolo da educação dentro da nossa universidade é azul, mesmo azul que simboliza o orgulho da comunidade surda<sup>3</sup>. A cor pode ser uma coincidência, mas o apoio em defesa da educação bilíngue e da presença dos surdos no meio acadêmico é um fato. Há mais de 25 anos a FACED se soma à luta de uma construção coletiva pelos direitos da comunidade surda.

Em meados da década de 90 as primeiras mãos começaram a se movimentar dentro da FACED. Diversos fatores marcaram as movimentações surdas no período, dentre as quais a

---

<sup>3</sup> Segundo o site <https://setembroazul.com.br>, a simbologia faz referência à Segunda Guerra Mundial, onde as pessoas com deficiência, e portanto, os surdos, eram sinalizadas com uma faixa azul no braço. Essa marca histórica de sofrimento hoje é encarada como símbolo de orgulho e resistência pela comunidade surda.

criação do Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES) na FAGED, que é reconhecido como um dos primeiros grupos/núcleos de pesquisa a discutir os Estudos Surdos no Brasil (LOPES, 2017). O fortalecimento das pesquisas do grupo, articulado a consolidação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) reuniu em um mesmo território um movimento que tomou força nacional e internacional com a realização do III Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para surdos, em 1999. Esse encontro, que tinha como tema principal “Identidade, Cultura e Educação”, se deu no Salão de Atos da UFRGS e reuniu, além de ouvintes, representantes surdos de diversos estados brasileiros e também do estrangeiro, sendo lembrado como um evento marcante para a comunidade surda, pois contribuiu para o nascimento de políticas públicas, além de iniciativas que foram fundamentais para a ampliação do acesso à educação.

Um dos grandes feitos do Congresso foi a elaboração coletiva do documento “Que educação nós surdos queremos?” que versava sobre a reivindicação de direitos pela comunidade surda e “sobre as necessidades de políticas educacionais e os possíveis novos desafios à educação dos surdos frente às prescrições de uma política educacional bilíngue para surdos.” (REIS, 2015, p. 32). O referido documento foi entregue em mãos ao então governador do estado do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, após uma memorável caminhada que encheu as ruas do centro de Porto Alegre até o Palácio Piratini onde representantes da comunidade surda foram recebidos no gabinete do governador para que ele pudesse entender as demandas propostas.

Além de ter participado desse importante momento histórico para a comunidade surda, a FAGED - UFRGS foi palco de diversos outros eventos importantes na história dos surdos no Rio Grande do Sul. Gladis Perlin, primeira surda que concluiu mestrado e doutorado na América Latina, os fez na FAGED, e foi também nessa mesma unidade que tivemos pela primeira vez docentes surdos na universidade, e um dos primeiros cursos de formação de docentes e intérpretes de Libras em nível de graduação, com a sede de um dos polos do Curso de Letras - Libras a distância, na época coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Muitos desses momentos ou acontecimentos são destacados no vídeo 5 “Quartas Online na Faced - Presenças surdas na UFRGS: conquistas, desafios e sonhos”<sup>4</sup> que também compõe o objeto de análise deste TCC.

Hoje a universidade abriga onze docentes surdos: Ana Luiza Paganelli Caldas, Bianca Ribeiro Pontin, Bruna Fagundes Antunes Alberton, Camila Guedes Guerra, Carolina Hessel

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yK9StbK9crA>. Acesso em 29 de março de 2022.

Silveira, Cláudio Henrique Nunes Mourão, Cristiano Pereira Vaz, Emiliana Faria Rosa, Erika Vanessa de Lima Silva, Marcelo Amorim e Nelson Goettert. Deste total, apenas um dos professores, Marcelo Amorim, não atuou ao menos por um certo período na FACED.

Quadro 1 - Docentes surdos na UFRGS

Docente	Titulação acadêmica <sup>5</sup>	Ano de ingresso na UFRGS	Local de exercício
Ana Luiza	Doutora	2014	FACED
Bianca	Doutora	2014	FACED
Bruna	Doutora	2015	FACED
Camila	Doutora	2017	FACED
Carolina	Doutora	2011	Instituto de Letras
Cláudio Henrique	Doutor	2014	Instituto de Letras
Cristiano	Doutorando	2016	Campus Litoral
Emiliana	Doutora	2014	FACED
Erika Vanessa	Mestra	2015	FACED
Marcelo	Doutor	2018	Instituto de Letras
Nelson	Doutorando	2015	Instituto de Letras

Fonte: Dados obtidos no currículo lattes dos docentes

Dentre esses professores, trazemos aqui neste trabalho, de maneira mais presente, três: Bianca Ribeiro Pontin, Erika Vanessa de Lima Silva e Camila Guedes Guerra. Eu poderia descrevê-las como a minha professora de Libras I, minha professora de Libras II e minha supervisora de monitoria de Libras II, respectivamente, porém elas foram e são muito mais que isso. Além de serem meu primeiro contato com a Libras e com a cultura surda, foram a minha inspiração como docente e como mulher.

Para além da relação direta que essas três professoras têm comigo, houve a necessidade de fazer um recorte em função do grande número de docentes encontrados. Ao escolher apenas essas três, seria possível produzir uma análise mais qualificada, afinal o tempo para a produção do TCC é curto, sobretudo em um semestre de ensino remoto que contaria com apenas quatro meses de duração.

<sup>5</sup> Desses docentes apenas Nelson, Emiliana e Marcelo não fizeram ao menos parte da formação acadêmica na FACED.

A presença de docentes surdos no Ensino Superior provoca uma série de reações devido às diferenças culturais, que acarretam em consequências tanto para surdos, como para ouvintes. A entrada de docentes surdos no ambiente universitário, como descreve a Flaviane Reis (2015) em sua tese, fortalece a comunidade surda, e mostra, independente do olhar clínico, as suas capacidades quanto docentes e pesquisadores, além de afirmar a importância da representatividade surda no espaço acadêmico.

Enquanto isso, para ouvintes, como analisa a Juliana Pokorski (2020) em sua tese, na seção em que conta narrativas surdas na graduação, a presença surda realça as diferenças, trazendo os sentimentos de desconforto e estranhamento, que geram repensares pedagógicos e curriculares, ocasionando assim um ganho enorme para estudantes que têm a sorte de compartilhar um ambiente tão plural como a FACED. Essa reconstrução do espaço acadêmico intensifica o fortalecimento dos pesquisadores surdos, aqueles que, com a sua própria voz, ou melhor, com seus próprios sinais, se reafirmam sujeitos e seres ativos que são exemplo de resistência.

Como já citado anteriormente, atualmente temos a Lei de Libras, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão dos surdos, e que é vista como uma das grandes conquistas da comunidade surda. Além dessa importante lei e do decreto que a regulamenta, recentemente, através da Lei 14.191/2021, a Educação Bilíngue passou a ser legalmente entendida como modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, o que garante a oferta de um ensino que utiliza a Libras como língua primária, priorizando o português escrito como língua adicional. Ainda que tenhamos importantes avanços relativos aos direitos da comunidade surda, é necessário uma longa trajetória para que esses direitos sejam de fato garantidos, seja no âmbito linguístico, cultural ou educacional dos surdos.

Esse contexto legal e as conquistas surdas dos últimos anos servem subsidiar as reflexões deste trabalho, no qual são destacados alguns aspectos relevantes no que diz respeito à constituição da identidade de professoras surdas. A trajetória de vida dessas docentes pode nos aproximar um pouco de suas realidades, impulsionar reflexões acerca do modo com que as conquistas legais reverberam na vida das pessoas surdas e contribuir para o fim do capacitismo, mostrando que o surdo é capaz de qualquer coisa, desde que seus direitos sejam garantidos.

Na seção seguinte aprofundarei esse aspecto, trazendo uma apresentação individual sobre cada uma das docentes, e apresentarei de maneira mais detalhada o processo de seleção e análise dos materiais que subsidiar este trabalho.

### 3 OS ALICERCES DESTA PESQUISA

Como primeira etapa da investigação, foi realizada uma busca no portal de periódicos e no banco de teses e dissertações da Capes, a partir do descritor “docentes surdos”. Neste momento foram elencadas algumas leituras, como as pesquisas desenvolvidas nas teses de doutorado de Flaviane Reis (2015) e Juliana Pokorski (2020). Na pesquisa de Reis, intitulada “A docência na Educação Superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos”, a pesquisadora realiza entrevistas com docentes surdos de instituições federais e destaca que a presença surda na Educação Superior é envolta de “nostalgias, dramas profissionais, aflições, conquistas, alegrias, resistências e resiliências” (REIS, 2015, p. 18). Já na pesquisa de Pokorski (2020), que usa materiais e métodos como os meus, a pesquisadora realiza a leitura de teses e dissertações produzidas por surdos, para analisar as narrativas desses sujeitos sobre si mesmos e sobre as experiências acadêmicas. Ainda nessa pesquisa, Pokorski evidencia o papel da presença surda em reconstruir ou modificar o ambiente acadêmico ao adentrar nele levando consigo a língua de sinais e a comunidade surda (ainda que apenas como objeto de análise ou público a quem as pesquisas se dirigem).

Ainda como leituras encontradas e que subsidiam minhas análises, há o artigo “Minha língua, minha história, meu processo de escolarização: narrativas de si e docentes surdos” (DA ROCHA & FAGUNDES, 2019), onde são analisadas as experiências que marcaram os professores surdos em suas trajetórias de escolarização na Educação Básica e no Ensino Superior e proposto para reflexão sobre como essas histórias de vida podem nos ajudar a pensar a formação docente e a pesquisa em educação. DA ROCHA e FAGUNDES (2019) apontam, de forma a corroborar com as análises feitas neste trabalho, as semelhanças encontradas nos relatos sobre a Educação Básica, que evidenciam situações de exclusão, silenciamento e apatia pedagógica, em contraponto as narrativas sobre o Ensino Superior, que aduzem a universidade como espaço de identificação e construção de conhecimento, onde foi possível descobrir e desenvolver projetos e projeções de si.

E por fim o artigo “A promoção da acessibilidade linguística ao docente surdo na UFG/Regional Catalão”, onde as autoras buscam analisar as políticas públicas voltadas à acessibilidade dos docentes surdos nas Universidades. Ao longo do artigo as autoras salientam que ainda se constata barreiras na acessibilidade e inclusão desses profissionais “porque a Libras não é utilizada pelos demais indivíduos da comunidade acadêmica e tampouco foi disponibilizado intérprete de língua de sinais para os substitutos e o efetivo foi

assistido pelo intérprete quando ele se tornou aluno de programa de pós graduação." (SOUZA e PAULA, 2020, p.300).

No segundo momento da pesquisa, tendo o tema delineado, partimos para a busca de materiais que pudessem responder aos meus questionamentos. Levando em consideração a crise sanitária em que vivemos, optamos por não trabalhar com entrevistas pois, embora elas pudessem ser interessantes, o período remoto as tornavam de difícil acesso, além disso, esse período favoreceu o desenvolvimento de diversos projetos de extensão que produziram materiais interessantes para subsidiar a produção de análises deste estudo.

No início do projeto deste trabalho organizamos um quadro, usando como base todos os docentes surdos que haviam atuado na FACED, para que pudéssemos ter elencados todos os materiais produzidos por eles, ou nos quais eles estivessem presentes, assim tendo maior facilidade em selecionar os que iriam compor minhas análises. Essa organização nos guiou para a escolha de projetos de extensão, em sua maioria coordenados por professores que tive contato nos meus semestres como monitora, e também contei com a minha orientadora, que me indicou um caminho com teses e dissertações que seriam interessantes levando em consideração meu objeto de análise, visto que ela já havia feito pesquisa utilizando desses materiais.



Quadro 2 - Docentes surdos da UFRGS nos vídeos dos projetos de extensão analisados

Docente	Diálogos com surdos pesquisadores	Mudança de estado	Narrativas de surdidades	Presenças surdas na UFRGS
Ana Luiza	X			
Bianca	X		X	X
Bruna	X		X	
Camila	X	X		
Carolina				
Cláudio Henrique	X	X		
Cristiano	X			
Emiliana				
Erika Vanessa	X	X	X	
Marcelo		X	X	
Nelson				

Fonte: Dados obtidos na plataforma YouTube, onde esses vídeos estão disponíveis

As teses e dissertações estão disponíveis no banco de teses e dissertações da CAPES e os vídeos fazem parte de quatro projetos de extensão no formato on-line, frutos do período pandêmico onde muito se produziu e se divulgou nesta forma: Setembro Azul: narrativas de surdidades; Mudança de Estado: na busca de uma educação em língua de sinais como L1; Quartas Online na FACED: “Presenças Surdas na UFRGS: conquistas, desafios e sonhos”; Diálogos com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS.

O projeto “Setembro Azul: narrativas de surdidades”, tinha como coordenadora geral a professora Bianca Pontin e foi produzido em setembro de 2021. Contou com três encontros, mediados pelas professoras Bianca, Camila e Erika, que abordaram as seguintes temáticas: Experiências em contexto acadêmico; Experiências do cotidiano; Os surdos e o mundo. O projeto teve como objetivo divulgar aspectos da cultura, assim como a história do povo surdo e da Libras. Dando visibilidade para os movimentos e para os próprios sujeitos surdos inseridos na universidade e na sociedade como um todo, celebrou o Setembro Azul, atribuindo significados a esta data e desconstruindo mitos, quebrando preconceitos e receios de aproximação com a comunidade surda.

No projeto "Diálogos com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS", que coordenado pela professora Erika Vanessa, executado em 2020 e que contou com 10 vídeos, temos a promoção à comunidade acadêmica, assim como ao público geral, dos conhecimentos que vêm sendo produzidos por acadêmicos surdos. O projeto traz trabalhos, produzidos por mestres e doutores, por meio de palestras online, visando aproveitar o momento de isolamento que estamos vivendo para oportunizar a recuperação da aprendizagem e também da circulação e visibilidade da Libras, que esteve presente de maneira efetiva em todo o projeto. Para além de apresentar ao público o que está sendo produzido pelos surdos na pós-graduação, também foi um ambiente que se propôs a promover um espaço de trocas de experiências entre os convidados, de maneira a pensar desafios e possibilidades de ser acadêmico surdo.

Os vídeos do Quartas na FACED Online são uma adaptação para o virtual do projeto Quartas na FACED<sup>6</sup>. Esse projeto realizou eventos semanais sobre temas variados relacionados à pesquisa, ensino e extensão realizados na UFRGS. Constituído por palestras, mesas-redondas e debates envolvendo temáticas relevantes para a formação de professores e para a educação em geral e para a FACED, contou com um dos seus encontros, feito em setembro de 2021, tendo a temática “Presenças Surdas na UFRGS: conquistas, desafios e sonhos”, onde as participantes, professoras e estudantes surdas da pós-graduação, traziam para o público um pouco da história de conquistas do movimento surdo e a relação da FACED na defesa dos seus direitos.

Nos cinco vídeos do projeto “Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1”, coordenado pelo professor Cristiano Vaz, produzido em 2021 e que contou com a participação das professoras Camila e Erika, é possível encontrar relatos mais intimistas de pessoas surdas que vieram de outros estados para o Rio Grande do Sul em busca de uma educação que respeitasse a sua primeira língua. Por meio de narrativas detalhadas do caminho que percorreram desde a descoberta do ser surdo até o momento em que se encontram em um ambiente que reconhece e utiliza a língua de sinais, o espaço possibilita o compartilhamento de narrativas de docentes surdos que têm em comum o fato de terem mudado de estado para continuar os estudos, além de estimular inúmeras reflexões, como a prejudicialidade de um ensino oralizado e a falta de informação e compreensão para com pessoas surdas.

---

<sup>6</sup> Mais informações podem ser encontradas no site <https://www.ufrgs.br/faced/quartasnafaced/>. Acesso em 25 de abril de 2022.

Apenas ao apresentar brevemente os materiais utilizados na produção dos dados deste trabalho de conclusão já é possível perceber o quanto a presença surda deixa marcas no espaço acadêmico. São percebidos efeitos em cada um dos elementos do tripé acadêmico: no ensino a língua de sinais se faz presente, na extensão e na pesquisa outros temas passam a circular com mais força na universidade, a comunidade surda, a educação de surdos, dentre outros temas se tornam mais presentes e são discutidos com mais frequência e intensidade.

Dentre esses projetos foram encontrados dezenove vídeos relacionados ao tema deste trabalho, sendo oito deles selecionados para análises aqui presentes. Como critério de seleção foi usado a presença, como convidada ou mediadora, de uma das três professoras escolhidas, e também vídeos onde existiam narrativas que respondessem aos objetivos desse trabalho de conclusão.

No quadro a seguir apresentamos os vídeos que foram utilizados nas análises deste trabalho, como alguns títulos se repetiam optamos por trazer a informação sobre participantes de cada um dos encontros para diferenciar cada um deles. Em todos os excertos trazidos na sequência deste texto utilizaremos o quadro como referência para referência dos trechos selecionados.

Quadro 3 - Vídeos usados para análise

Vídeo 1	Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020)	Mediação: Erika Silva Palestrantes: Camila Guerra e Cláudio Henrique Mourão
Vídeo 2	Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020)	Mediação: Camila Guerra Palestrantes: Bianca Pontin e Carolina Sperb
Vídeo 3	Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1	Mediação: Erika Silva Palestrantes: Camila Guerra e Fabiano Souto
Vídeo 4	Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1	Mediação: Camila Guerra Palestrantes: Erika Silva e Rodrigo Machado
Vídeo 5	Quartas Online na Faced: “Presenças Surdas na UFRGS: conquistas, desafios e sonhos”	Mediação: Juliana Pokorski Palestrantes: Bianca Pontin e Bruna Branco
Vídeo 6	[Setembro Azul 2021] Experiências do cotidiano	Mediação: Camila Guerra Palestrantes: Ana Luiza Caldas, Bianca Pontin, Cristiano Vaz, Lucas Fialho e Rozemary Porto
Vídeo 7	[Setembro Azul 2021] Experiências do cotidiano	Mediação: Bianca Pontin Palestrantes: Bruna Alberton, Cássia Palópolo e Fernando Carneiro
Vídeo 8	[Setembro Azul 2021] Experiências do cotidiano	Mediação: Erika Silva Palestrantes: Itacir do Carmo, Josiane Poleski, Marcelo Amorim e Toríbio Malagodi

Fonte: Dados obtidos na plataforma YouTube, onde esses vídeos estão disponíveis

As histórias contadas nos vídeos do projeto “Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1”, que foram os primeiros que eu analisei, tinham como principal assunto o início de suas trajetórias, de criança até a conclusão do ensino médio, e ver todos esses vídeos em sequência me gerou sentimentos bem contrastantes. De início, já no segundo vídeo, as informações se embaralhavam na minha cabeça. As histórias

eram muito parecidas e eu precisava anotar com bastante cuidado os pontos que me chamavam atenção, pois as narrativas recortadas poderiam se encaixar em qualquer outro relato.

Essa "monotonia" inicialmente me desgastou. Parecia que eu estava lendo um livro que eu já tinha lido, apenas com uma ou duas notas de rodapé diferentes. Isso inserido em um contexto de escrita de trabalho de conclusão de curso me causava angústia, pois parecia que meu tempo não estava sendo usado da melhor forma.

Em uma das reuniões com a minha orientadora relatei esse sentimento e, ao falar em voz alta, percebi que na verdade esse era um dos centros da minha análise. O fato das narrativas serem tão parecidas e essas docentes descreverem sentimentos e situações tão similares me guiavam dentro dessas trajetórias a fim de perceber que, apesar de pessoas completamente diferentes, o fato de todas elas serem surdas inseridas em um mundo prioritariamente ouvinte imprime marcas na forma de experienciar o mundo.

Sobre essas recorrências nas vidas surdas, é sabido que “a maioria dos surdos tem pais não surdos, e a maioria destes não sinaliza. Por conseguinte, muitos surdos não recebem acesso à língua visual durante o crescimento, dificultando o acesso a informações em casa.” (HOLCOMB, 2011, p. 140). A cultura surda seria, portanto, dentre outros aspectos, uma forma de encontrar soluções para viver de maneira eficiente em um mundo ocupado por pessoas diferentes de si.

Este trabalho traz as similaridades encontradas nas trajetórias analisadas, mas também tem como foco olhar para as individualidades dessas professoras, para que consigamos ir contra o estereótipo que a palavra surdo carrega ao mesmo tempo que evidenciamos traços compartilhados na cultura e na comunidade surda.

Como subseção desta, trago a seguir um espaço onde reservo para contar, de forma mais detalhada, sobre as professoras, cujas trajetórias servem de análise neste trabalho.

### 3.1 BIANCA, ERIKA E CAMILA

Irei utilizar desta subseção para contar um pouco mais sobre as professoras e, como responsabilidade de ouvinte, divulgar a produção intelectual de mulheres surdas, colocando-as na posição de pesquisadoras capazes de expressarem suas próprias perspectivas. Pois, assim como Djamila Ribeiro (2017) escreve de maneira precisa em seu livro intitulado “O que é: lugar de fala?”, sobre existir uma necessidade urgente de que, cada vez mais, homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade e masculinos, também urge a importância de que nós ouvintes, sabendo onde nos encontramos nesse contexto, compreendamos que não existe um lugar universal de onde partem todas as pesquisas. Ao produzir pesquisa tendo como objeto de análise as narrativas surdas, é indispensável destacar o lugar de onde se fala, rompendo com uma ideia de homogeneidade, onde existe um padrão universal que se opõe à diferença, a diferença está nesse entrelugar, e nessa pesquisa ao estudar modos de ser surdo, parto do meu lugar como ouvinte para realizar as minhas análises. Busco, portanto, valorizar os surdos e suas produções, compreendendo que me encontro em um espaço de privilégio, construído social e historicamente.

Começarei com a Bianca, que como já descrevi logo no início do meu trabalho, foi a responsável pelo meu primeiro contato com a Libras e a cultura surda. Bianca foi criada por uma mãe surda, com quem conversava em Libras desde criança, e uma avó ouvinte. Usa aparelho auditivo desde os seis anos de idade e seus relatos de quando bem jovem expressam seus anseios acerca de sua experiência de ser surda vivendo experiências entre ouvintes.

É uma presença surda na UFRGS desde 2009, empenhada em desenvolver uma educação mais ética, que foque nas especialidades e na identidade dos surdos. Possui graduação em Letras - Libras pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e em sua tese de doutorado em educação, onde algumas das palavras-chave são “Educação de Surdos”, “Narrativas Docentes” e “Políticas Educacionais”, ela conta um pouco sobre a experiência em (PPGEdu/UFRGS), essa que, a partir da Resolução 002/2017, fez ativo um espaço de garantia de reserva de vagas para negra(os), indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, travestis e transexuais, e surdas/surdos, que, a partir da resolução 001/2019, no edital de 2020, são citados como um grupo específico, deixando de ficar subentendido como pessoas com deficiência (POKORSKI, 2020).

Como detalhado no Quadro 2, a Bianca participou de três dos quatro projetos de extensão analisados, e além disso também usei sua dissertação e tese a fim de corroborar com este estudo. Apesar desses seus dois escritos não terem o tema principal relacionado ao meu

trabalho, a Bianca sempre traz, de maneira muito forte e bem-humorada, suas experiências de ser surda entranhadas nas suas temáticas, o que enriquece de maneira muito expressiva as minhas análises.

Seguindo na ordem cronológica da minha história com a Libras, trago a apresentação da professora Erika que, vinda de Maceió, percorreu um longo caminho até seu mestrado na UFRGS. Sua trajetória inspiradora inclui momentos conturbados em escolas de inclusão, uma mudança sozinha para o Rio Grande do Sul em busca de um ensino bilíngue, graduação em Pedagogia e Letras - Libras, mestrado em Educação e aprovações em primeiro lugar para a docência em universidades federais<sup>7</sup>.

Sua dissertação, que tem como tema narrativas de professores surdos sobre a escrita de sinais, e seu projeto atual de pesquisa, segundo o que consta no lattes, traz diversas análises acerca da educação escolar bilíngue para surdos, se alinham a este trabalho, trazendo pontos muito relevantes para as reflexões propostas aqui. Além disso, a professora Erika faz parte da equipe colaboradora do projeto Spread the Sign<sup>8</sup> no Brasil, um dicionário internacional que torna acessíveis línguas de sinais de diversos países para investigação e consulta a uma grande quantidade de sinais.

E, para concluir a apresentação dessas três professoras, apresento a Camila, que foi minha supervisora em alguns dos meus semestres de monitoria, estando comigo na FACED no presencial, ou então virtualmente nos momentos de ensino remoto.

A professora Camila, que também veio do Nordeste para o Rio Grande do Sul em busca de uma educação bilíngue, conta com uma trajetória muito parecida com a da professora Erika. Vindo de uma família inteira ouvinte, na qual ninguém sabia Libras, e estudando em escolas pensadas para ouvintes, passou pelo processo, muitas vezes doloroso, de oralização, desde muito nova. Durante todo o ensino médio, após as aulas regulares na escola, Camila tinha uma aula particular em casa, com um professor que reforçava o conteúdo que tinha sido passado em aula naquele dia. No vídeo 3<sup>9</sup> ela comenta um pouco sobre a sua experiência de escolarização, temática que discutirei com mais profundidade na próxima seção deste trabalho e que, já no excerto a seguir, é possível perceber um pouco os desafios por ela enfrentados ao longo da vida escolar:

---

<sup>7</sup> Erika foi professora da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) antes de vir para a UFRGS.

<sup>8</sup> <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>

<sup>9</sup> Todos os excertos trazidos ao longo deste trabalho são transcrições da interpretação simultânea realizada por intérpretes, da fala sinalizada das professoras para o português. Em todos os vídeos tanto mediadores como participantes convidados utilizavam a Libras e havia a presença de intérpretes que tornavam os encontros acessíveis para o público ouvinte não fluente na língua de sinais.

Por muitos anos fui aluna da escola inclusiva, onde permaneci por muito tempo com alunos ouvintes, sem acessibilidade nenhuma. Não tinha intérprete e eu sempre dependia dos meus colegas para copiar o conteúdo do caderno deles, já que a professora ficava de costas, escrevendo no quadro, e era impossível entender o que ela falava. (Camila - Vídeo 3)

Após seu primeiro contato com a comunidade surda, no último ano do seu ensino médio, começou a aprender Libras. A partir de então surge a vontade de cursar uma graduação em uma universidade com acessibilidade e lhe é apresentada a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), universidade onde se formou bacharel em Sistemas de Informação.

Formada em Sistemas de Informação e atualmente doutora em educação pela UFRGS, Camila tem como tema de suas pesquisas o uso de plataformas de ensino digital por surdos. Em sua dissertação teve como foco o curso de Letras-Libras na modalidade à distância oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e no seu doutorado teve por objetivo contribuir para a ampliação de padrões de acessibilidade Web.

Na próxima seção adentro os caminhos percorridos pelas docentes durante a Educação Básica. Trago relatos e análises referentes aos seus percursos no Ensino Fundamental e Ensino Médio, atendendo ao objetivo de “investigar as narrativas de docentes surdas sobre os seus processos de escolarização”, compreendendo que essas experiências escolares podem estar diretamente ligadas aos modos de ser docente em uma Faculdade de Educação.



#### 4 A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO

A vivência escolar destacada nas narrativas analisadas é muito parecida. Uma escolarização marcada por um ensino oralizado que os impunha a ideia de que eram inferiores gerou feridas para além do âmbito educacional.

A falta do direito dos surdos serem educados na sua própria língua fazia com que a Bianca, que embora soubesse o português, estivesse inserida em situações complicadas em sua formação pela falta de uma educação plena entre ela e o professor.

Fiquei em recuperação sem saber o significado disso. Fui à escola para me despedir, o professor me disse: ‘por que tu não veio fazer a prova?’. Eu respondi que já tinha feito tudo. E ele, ‘mas tu está de recuperação’. E eu, ‘o que é recuperação?’. Silêncio, os colegas ficaram brabos com o professor e ele olhou para mim, balançou a cabeça e disse: ‘tudo bem. Não precisa mais fazer. Boas férias!’. Então, passei de ano! Naquele momento entendi que não havia passado, que eu tinha mais uma chance e que, por problemas de comunicação, ele ficou com pena de mim. Um misto de raiva e alívio. Raiva por não ter entendido e alívio por ter passado. (PONTIN, 2021, p. 23)

Esse processo de escolarização disfuncional lhes tomou muitos anos, como do caso da professora Erika, que, da terceira até a oitava série estudou em escolas de inclusão que não possuíam intérpretes, nem colegas surdos. Como o conteúdo era passado de forma oral, um ano era usado para que o surdo se habituasse com a oralidade e o segundo ano para o ensino real da disciplina. Dessa forma, a Erika demorou 16 anos para que concluísse o ensino fundamental.

Eu sempre via todos passando de série enquanto eu continuava na mesma. Eu não entendia o motivo e ninguém me explicava. Só depois de adulta eu fui entender que na verdade não é porque eu repetia de ano e sim porque o conteúdo era ensinado de forma oral, então um ano era usado para me acostumar com a oralidade e o segundo ano para realmente aprender a disciplina. (Erika - vídeo 4)

A necessidade de ter companhias, principalmente no caso da Camila e da Erika, que faziam parte de uma família inteira ouvinte, era latente. A falta de uma convivência com modelos surdos lhes impossibilitava de enxergar a si mesmas no futuro como sujeitos completos, como profissionais, ou até mesmo como adultas surdas, como relata Erika no excerto a seguir:

Tinha medo inexplicável (pânico). Só conhecia os colegas surdos. Não conhecia nenhum adulto surdo, então achava que surdos não ficavam velhos e morriam cedo. (Erika - vídeo 4)

Esse sentimento de inferioridade também era produzido pelas práticas escolares por elas vivenciavam, marcadas por processos no qual uma educação de fato inclusiva e que levasse em conta as especificidades surdas, não lhes era garantida. Nesse sentido, Graciele M. Kraemer, ao fazer um resgate sobre as políticas de educação para as pessoas com deficiência no Brasil ressalta que “as ações voltadas para a integração das pessoas com deficiência estavam pautadas em práticas normalizadoras que objetivavam capacitar esses sujeitos para o convívio social.” (KRAEMER, 2017, p. 94) Essas ações, muito mais do que pensar nos processos de aprendizagem desses sujeitos, eram pautadas em práticas de correção que tinham por objetivo que ele alcançasse um padrão, que no caso dos surdos era o padrão ouvinte. Esse modelo de educação, evidenciado em diversos relatos das três professoras aqui apresentadas, as colocou no local de viver uma vida onde se parte do princípio de que não se é completo. Esses sentimentos criam marcas que perduram e afetam outras áreas.

Na última escola em que eu estudei havia uma outra menina surda no oitavo ano e eu pedia por favor para que me colocassem como colega dela. Do terceiro ano até o sétimo ano<sup>10</sup> eu sempre estive sozinha no meio dos ouvintes, sem entender quase nada do conteúdo. Eu só copiava e colava dos meus colegas ouvintes. (Erika - vídeo 4)

A troca de escola durante o processo de escolarização é algo recorrente durante as trajetórias, e muitas dessas escolas se classificam como escolas inclusivas, porém, ao prestar atenção nos relatos de quem as vivenciou, é possível perceber que os surdos não estavam incluídos nem de maneira física, já que ficavam em uma sala especial para pessoas com deficiência, como aparece no excerto abaixo. Essa troca recorrente de escola e tamanho empenho em buscar algum lugar, nem que fosse necessário uma mudança de estado, onde a educação lhes fosse confortável, deixa evidente o quanto não existia lugar para eles onde estavam.

---

<sup>10</sup> Antes do terceiro ano a Erika contava com a companhia de colegas surdos, o que faz com que este relato, além de demonstrar como era sua vida escolar sendo a única surda na sala, também expresse a falta que ela sentiu quando ficou sozinha.

Nessa instituição tinha uma classe especial para surdos. Era uma escola de inclusão, mas também funcionava como escola regular. Lembro que lá no fundo da escola era onde ficava a “salinha” dos surdos, com no máximo quatro alunos. No intervalo os ouvintes saíram para o recreio e nós ficávamos aguardando eles voltarem para poder sair. (Erika - vídeo 4)

A falta de representatividade, ou de pares surdos com quem pudessem compartilhar experiências na escola, as fazia tentar se encaixar em lugares que não lhes serviam, a fim de se sentirem mais integradas e mais próximas do padrão que lhes era imposto. Submetidos a hegemonia cultural ouvinte, as pessoas surdas por vezes anulam sua identidade em busca de uma aceitação, que em muitos casos, como no relato da Bianca, só as insere no ambiente, mas sem reconhecer e valorizar as suas diferenças.

Sei que participei de um minicoral da turma, cantei música sem saber a letra, o significado e sem soltar a voz. Mas, quando eu soltava a voz, alguém sorria ou ria, e assim me fazia calar e continuar atuando. Quando eu estudava nas séries iniciais, não se falava em inclusão, e sim em integração. (PONTIN, 2021, p. 20)

Ao surgir a pergunta sobre as marcas que uma escolarização que sempre lhes dizia que demoravam mais para aprender, Erika responde que são marcas que existem até hoje, apesar de toda superação. Erika sentia que sua irmã, ouvinte, recebia mais atenção que ela, e a frase “a Erika é muito difícil de educar” era recorrente. Essas feridas, abertas desde a infância, se tornaram apenas marcas no momento em que a sua família aceitou a sua mudança para o Rio Grande do Sul, quando, segundo ela, sua vida mudou.

No relato abaixo, retirado também do vídeo 4, ela conta como descobriu a possibilidade de cursar uma graduação e como foi o processo até a sua família a apoiar a sua decisão de mudar de estado em busca de dar continuidade aos estudos:

Em janeiro de 2000 teve um congresso em Maceió e foi onde eu conheci o Ricardo Sander<sup>11</sup>. Ele contou sobre o funcionamento de escola de surdos, que tinha desde o ensino básico até o ensino médio, falou sobre surdos na faculdade e eu pensei “Surdos na faculdade? Eu não acredito!”. A fala dele mudou meu caminho.

No final do evento fui falar com ele e perguntei mais sobre a escola Concórdia. Ele gentilmente me passou o contato da escola e de noite eu já fui falar com meus pais. “Lá no Sul? Extremo sul do país?” E eu tentando explicar que o ensino médio não bastava pra mim. Eu queria fazer faculdade também.

Eu já estava nervosa, pedindo a Deus para que me ajudasse, pois eu sofri todo meu ensino fundamental. Fui até a oitava série sem suporte nenhum. Tive que ficar insistindo que eu queria muito, pois ninguém da minha família apoiava. Tive que falar muitas vezes que era algo muito importante pra mim.

Levei meus pais para conversar com o Ricardo e ouvindo dele, eles levaram mais a sério.

(Erika - vídeo 4)

A busca por um ensino de qualidade trouxe Erika e Camila para o Rio Grande do Sul e essa vinda, imersa em expectativas no âmbito educacional, se transformou em algo que vai muito além do conhecimento. A educação, na qual os surdos são vistos a partir da perspectiva da diferença linguística, não serviu apenas para aquisição de conhecimentos escolares, e sim como um caminho para um processo emancipatório e de autonomia.

Citado sempre de forma muito carinhosa e afetiva, muitas vezes enquanto a locutora segura um chimarrão na mão e conta suas experiências com o frio, o estado fez-se um local de acolhimento e segurança. Aqui foi o primeiro espaço onde elas puderam ser surdas sem isso ser um fardo.

No vídeo 4, ao ser perguntada sobre como foi a adaptação em uma escola que utilizava a língua de sinais como primeira língua, visto que ela vinha de um histórico de escolas oralistas que davam maior importância ao desenvolvimento da fala ao invés do conteúdo escolar, Erika responde que foi uma experiência completamente diferente. Nas escolas em Maceió, sua cidade natal, vivia a insegurança, pois sentia que não tinha condições de aprender por conta própria, enquanto no Concórdia<sup>12</sup>, escola em Porto Alegre que tinha a Língua de sinais como língua primária, ela se chateava quando chegavam os finais de semana, pois não poderia ir para a escola, local que agora lhe era confortável.

Ter o reconhecimento da sua língua primária, que resultou em um domínio da Libras, junto com a acessibilidade e uma comunidade acolhedora, para além dos conteúdos escolares, lhe dava segurança e empoderamento para realizar outras atividades sem se sentir tentando se

<sup>11</sup> Ricardo Ernani Sander, atualmente doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), pesquisa sobre educação bilíngue de filhos ouvintes de pais surdos.

<sup>12</sup> A escola especial ULBRA Concórdia, que possuía turmas de educação infantil até os anos finais do ensino médio, foi referência na educação bilíngue de surdos no país. A instituição pioneira no ensino de Libras na América do Sul, que estava em funcionamento há mais de 50 anos, fechou no final de 2020 por falta de recursos.

encaixar no mundo ouvinte. Ser surda passa a ser uma característica que faz parte da sua identidade, como conta a Camila, ao relatar sobre a sua chegada à ULBRA e o quanto isso lhe causou felicidade e certeza do que queria.

Eu não queria estudar na faculdade da capital (Fortaleza - CE), pois lá não tinha intérprete. Minha mãe conversou com uma ex-colega de trabalho dela, que estava morando no Rio Grande do Sul, e assim ficamos sabendo que existia a ULBRA. Essa universidade oferecia intérpretes e ficava localizada em Canoas.

Eu fiquei analisando, pois queria conhecer pessoalmente para saber se era tudo real mesmo ou não. Compramos as passagens e vim junto com a minha mãe para conhecermos a instituição.

Lá encontrei outros surdos, de diferentes cursos, todos sinalizando. Eu me senti muito feliz por estar naquele meio e foi quando eu disse para a minha mãe que gostaria de ficar aqui.

(Camila - vídeo 3)

Na seção seguinte seguiremos trazendo alguns relatos sobre as experiências no espaço universitário, seja como alunas da graduação, pós-graduação, seja como docentes. Não encontramos narrativas significativas sobre esse terceiro ponto, no entanto, as duas primeiras experiências viabilizam pensar sobre os possíveis impactos da presença surda no Ensino Superior.

## 5. A VALORIZAÇÃO DA DIFERENÇA

Os surdos, enquanto alunos, chegam até a universidade ainda carregando a carga da desigualdade que lhes é dada ao longo do processo de escolarização que não valorizou a Língua de sinais. Enquanto professores, adentram a universidade a partir da Libras, língua que não lhes foi acessível durante muitos anos, e que agora é usada para fortalecer sua identidade como docentes surdos.

Quando minha mãe me falou que aqui no Rio Grande do Sul tinha faculdade, ULBRA, intérprete, aquilo tudo se ampliou e eu pensei na hora “Eu quero isso pra mim agora” e valeu muito a pena essa mudança.  
Se eu tivesse ficado lá eu nem sei dizer como seria a Camila de hoje. Talvez eu tivesse um trabalho bem simples, uma vida ruim, sem condições financeiras de ter uma família. (Camila - vídeo 3)

Sobre o valor da Libras, Ana Luiza Caldas traz, no início de sua tese, uma imagem que evidencia a importância da comunicação sinalizada para as pessoas surdas. Segundo ela, esse valor é destacado em diversas manifestações artísticas surdas e também é pauta de diversas lutas da comunidade. Na metáfora construída pela pesquisadora, a língua de sinais aparece tal como a abertura para a vida universitária, e na mesma medida a universidade se abre para deixar entrar e para contemplar a presença surda que leva consigo a Libras: “A língua de sinais também faz parte dessa representação da janela. A janela se abre para o surdo, mas também a universidade abre suas janelas e deixa entrar os signos que contemplam a vida dos surdos.” (CALDAS, 2021, p.14)

O acesso à universidade, no entanto, nem sempre foi uma realidade para os surdos, que em instituições privadas tinham que, além de pagar a mensalidade normal do curso, custear um intérprete particular, como relatado no vídeo 3. Na ULBRA não era necessário o pagamento de um intérprete particular, porém, com a alta demanda que foi surgindo, o corpo técnico e profissionais intérpretes não eram mais suficientes para todas as disciplinas, fazendo com que os discentes surdos cursassem menos disciplinas durante o semestre.

Na UFRGS, ainda hoje os surdos vivenciam situação semelhante, uma vez que não há intérpretes suficientes para atender a crescente demanda com a presença de surdos na graduação, pós-graduação e na docência universitária<sup>13</sup>. Cabe salientar que a vida acadêmica é muito maior do que apenas a sala de aula, assim intérpretes são necessários por exemplo em

---

<sup>13</sup> Minha banca contava com uma professora surda e a data de apresentação deste trabalho precisou ser alterada devido a indisponibilidade de intérpretes. Mesmo alterando para uma data onde houvesse a disponibilidade destes profissionais, eles tinham apenas uma hora disponível, o que fez com que a minha orientadora fizesse a tradução no restante do tempo.

reuniões de departamento, atividades de pesquisa e extensão, bem como eventos de diferentes ordens na universidade.

Todo esse tempo de apagamento da riqueza cultural e potência produtiva dos sujeitos surdos geram relatos como os da Bianca, onde é possível perceber o quanto o acesso à graduação pode ser revolucionário.

Foi ali que aprendi como me identificar perante o mundo numa perspectiva socioantropológica cultural de forma mais ampla. Entendi que, ser surda, é diferente de ser deficiente auditiva, e que isso é um direito à vida, um outro modo de ser, uma coisa boa. Curei-me da deficiência. (PONTIN, 2021, p. 23)

A possibilidade de olhar criticamente para a sua própria identidade, agora criando sua própria narrativa, onde são protagonistas, as fortalece. A universidade proporciona um ambiente de empoderamento, onde o contato com outros surdos, e também com pesquisas que embasam pensamentos que os olham a partir de uma nova perspectiva, as retira do local de inferiorização que os processos de escolarização as colocaram e as elevam a um ambiente que proporciona prazer e realização pela aprendizagem.

A universidade foi para eles a realização de vários sonhos, uma vez que estavam vivenciando o Ensino Superior, socializando, interagindo e compartilhando experiências entre pares que se compreendiam pela língua, numa relação de autonomia linguística e acadêmica. Depois de tanto tempo dependentes de ajuda dos colegas, da “piedade e/ou incompreensão” do professor, finalmente os professores surdos se sentiam protagonistas de sua formação. (DA ROCHA; FAGUNDES, 2019, p. 15)

A Camila, que chegou ao Rio Grande do Sul tendo a fala oral como principal forma de comunicação, comentou sobre o encantamento de ter surdos em diversos cursos, todos sinalizando, quando veio estudar na ULBRA. Sua fluência em Libras, segundo ela, mesmo na fase adulta, se deu de maneira natural enquanto conversava com amigos e colegas surdos:

Eu era muito oralizada e depois que eu fiz um curso de Língua de Sinais eu fui lendo e aprendendo. Comecei a namorar e meu namorado dizia “Pra quê fazer curso de Libras? Conversa com outros surdos e você vai adquirindo a língua”. Então cancelei o curso e fui bater papo. (Camila - vídeo 3)

Ainda sobre a sua experiência com a língua de sinais, no vídeo 4, em que atuava como mediadora, Camila produz uma metáfora, na qual afirma que a língua de sinais possibilita a liberdade, funciona como uma chave que abre uma gaiola e com isso os pássaros (os surdos) podem voar livres, o sofrimento, a angústia presa no âmago do sujeito, se dispersa.

A metáfora produzida pela docente é fortalecida quando pensamos que é justamente através da Libras que os surdos afirmam o seu espaço no ambiente universitário. A presença de um docente surdo dentro do ambiente universitário causa, como causou em mim, reflexões que abrangem todo sistema educacional do nosso país, além de pensamentos acerca da sociedade etnocêntrica que estamos inseridos e gerar a quebra de estereótipos.

Sobre essa quebra de sentidos, destaco uma frase de Bianca, proferida a uma fonoaudióloga quando ela questiona sobre quando Bianca teria perdido a audição. A frase nos auxilia a pensar sobre o quanto ser surdo não tem relação estrita a uma perda, mas a um modo de existência:

‘Quando tu perdeu a audição?’ Respondi: ‘nasci!’. Ou seja, eu não perdi. Ela ficou pensativa e depois disse que gostou da resposta. Pois é, nasci assim. Sou surda! (PONTIN, 2021, p. 26)

Embora não exista uma perda intrínseca a ser surda, os modos com que a sociedade lida com a surdez podem acarretar em prejuízos para esses sujeitos. Para os que conseguem ingressar na universidade, por exemplo, muitas vezes há o peso de carregar consigo um ensino disfuncional que, como no caso da Erika, durou dezesseis anos. Esses sujeitos adentram o ambiente universitário em condições iniciais de desigualdade, com as inseguranças e dificuldades de ter tido um processo de escolarização onde suas capacidades eram colocadas em dúvida impressas em seu ser, como no relato da Camila:

Eu ficava preocupada em como seria meu vestibular. Como eu entraria na universidade sem ter tido a base? Eu não queria ter que repetir todos os desafios e dificuldades novamente, pois foram momentos muitos difíceis pra mim. (Camila - vídeo 3)

O processo escolar vivenciado, as experiências ao longo da vida também afetam as escolhas profissionais, e até mesmo temáticas de pesquisa e caminhos traçados na vida universitária, seja como discentes ou docentes. A professora Ana Luiza, por exemplo, na introdução da sua tese, ao contar sobre a sua história de vida e na docência, relata sobre sua experiência na Escola Especial Concórdia, que na época era chamada de Centro Educacional para Deficientes Auditivos, e conta que, por mais estranho que isso possa parecer, havia poucos professores que eram fluentes em Libras, e que isso fez parte das suas escolhas



profissionais: “É possível que isso tenha me levado a escolher ser professora, já que foi fora da escola que eu consegui estabelecer, de fato, uma comunicação com os meus pares. Então, o meu desejo sempre foi o de proporcionar aos surdos aquilo que eu não tive na minha trajetória escolar.” (CALDAS, 2021, p. 16)

Ser professora surda em uma universidade, lugar em que se produz conhecimento sobre a educação de surdos, a Língua de sinais, e até mesmo sobre o próprio sujeito surdo, gera impactos que são possíveis serem vistos de maneira mais imediata, com a produção de cada vez mais estudos e projetos de extensão acerca desses temas (os materiais que compuseram as análises deste TCC são exemplos disso). Ter a presença surda no ambiente universitário, sobretudo em uma faculdade de educação, no entanto, pode trazer efeitos para além desse espaço, pode também afetar a vida das próximas gerações surdas, uma vez que cada vez novos docentes vêm sendo formados tendo contato com docentes surdos e com a língua de sinais.

## 6. ESTE TRABALHO CHEGA AO FIM

Este trabalho colabora com a percepção do quanto a exclusão é recorrente na trajetória de sujeitos surdos. Ao olhar ao redor, tanto no ambiente escolar, como no universitário, a quantidade de alunos e docentes surdos evidencia que esses processos de exclusão reverberam na não conclusão escolar e limites no ingresso na universidade.

Nas histórias narradas é possível perceber a importância da representatividade, que as apresentou para uma vida cheia de possibilidades e empoderamento. Ter acesso a comunidade surda mostrou tudo o que era possível e onde elas poderiam chegar e isso transformou suas histórias, junto com condições favoráveis que tornaram possível seguir em busca dessa inclusão social que tanto ansiavam.

Ao conhecer mais as histórias, que tanto admiro, das docentes citadas ao longo do meu trabalho, é impossível não pensar quem são as pessoas que não chegaram onde elas estão e o que esses sujeitos poderiam ser se a língua de sinais jamais lhes tivesse sido negada (LADD, 2013).

O quão justa é uma sociedade onde alguns estão no posto de docentes de uma das universidades mais qualificadas do país, enquanto outros sequer sabem da existência dessa possibilidade. Além do que isso significa para o ser individual, também há perdas em relação ao coletivo, que está deixando de ter profissionais qualificados que poderiam estar desenvolvendo produções culturais e científicas enriquecedoras para a sociedade como um todo. (POKORSKI, 2020).

Para que haja condições de igualdade é necessário que a educação bilíngue e inclusiva seja respeitada, assim como a acessibilidade para além do ambiente escolar, colocando o surdo e a Libras em um local de reconhecimento e valorização. Esse reconhecimento se dá, por exemplo, com a presença de intérpretes em número suficiente para o atendimento da demanda das docentes surdas nos mais diversos âmbitos da vida universitária.

Termino meu trabalho com a certeza de que a Bianca, a Camila e a Erika, assim como todos os outros docentes surdos que cito neste trabalho, hoje são essas pessoas fontes de inspiração e transformação que em muitos momentos lhe faltaram durante sua trajetória.

Este trabalho chega ao fim, porém com a certeza de que quero seguir com meus estudos e dar uma continuidade a ele. Talvez em um outro momento entrevistas poderiam ser feitas, e assim todas as perguntas que ainda me motivam, poderiam incentivar a produção de narrativas ainda mais detalhadas, sobretudo sobre as experiências sobre ser docente no

Ensino Superior, o que não foi possível de ser pensado em detalhes apenas com o material que me era disponível.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. L. C. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/0220989437377850>> Acesso em: 25 de abril de 2022.

ANTUNES, B. F. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/5713555107482577>> Acesso em: 22 de março de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. SEESP. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. SEESP. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, dezembro de 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. SEESP. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília, abril 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. SEESP. Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021. Altera a Lei 9.394, de 20 de novembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/5230731551227236>> Acesso em: 22 de março de 2022.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. Narrativas dos surdos idosos: subjetividade e vínculos culturais. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

DA ROCHA, Simone Maria; FAGUNDES, Isabelle Pinheiro. Minha língua, minha história, meu processo de escolarização”: narrativas de si de docentes surdos. The Specialist, São Paulo, vol. 40, n. 3, p. 1 - 20, 2019.

FACED UFRGS. Quartas Online na FACED: “Presenças Surdas na UFRGS: conquistas, desafios e sonhos”. YouTube, 29 de setembro de 2021. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=yK9StbK9crA&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jjuR&index=9&t=844s](https://www.youtube.com/watch?v=yK9StbK9crA&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jjuR&index=9&t=844s)> Acesso em: 09 de fevereiro de 2022.

FENEIS. A Educação que nós Surdos Queremos. Porto Alegre, 1999 (Digitado).

GUERRA, C. G. Acessibilidade em plataforma de educação à distância: um olhar a partir dos usuários surdos sobre os princípios de acessibilidade na web. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

\_\_\_\_\_. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/5545072170184289>> Acesso em: 22 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. Curso de Letras/Libras: Análise das experiências dos alunos surdos no ensino à distância do Rio Grande do Sul. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Cristiano Pereira Vaz e Erika Vanessa de Lima Silva. YouTube, 20 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KrwOBRNuie0&t=2s>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Cristiano Pereira Vaz e Erika Vanessa de Lima Silva. YouTube, 30 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ymziBS-RUuk&t=1217s>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2022.

GOETTERT, N. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5170751390824853>> Acesso em: 22 março de 2022.

HOLCOMB, Thomas K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Eds.). **Cultura Surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. 1. ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2011. p. 139–149.

KRAEMER, Graciele Marjana. A modulação das condutas das pessoas com deficiência no direito à escola comum brasileira. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LADD, Paddy. Em busca da Surdidade: colonização dos surdos. Tradução Sintagma; Mariana MARTINI. 1. ed. [s.l.] : Surd`Universo, 2013. v. 1

\_\_\_\_\_. Setembro Azul: Experiências do cotidiano. Youtube, 17 de novembro de 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2\\_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s](https://www.youtube.com/watch?v=2_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s)> Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. Setembro Azul: Experiências em contexto acadêmico. YouTube, 10 de novembro de 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VccBnEZChn0&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=2&t=2220s](https://www.youtube.com/watch?v=VccBnEZChn0&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=2&t=2220s)> Acesso em: 21 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. Setembro Azul: Os surdos e o mundo. YouTube, 29 de novembro de 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2\\_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s](https://www.youtube.com/watch?v=2_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s)> Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1. Vídeo com Camila Guedes Guerra e Erika Vanessa de Lima Silva. YouTube, 04 de outubro de 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2\\_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s](https://www.youtube.com/watch?v=2_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s)> Acesso em: 04 de outubro de 2021.

\_\_\_\_\_. Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1. Vídeo com Camila Guedes Guerra. YouTube, 08 de novembro de 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=dFqe4LtQPFg&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=7&t=75s](https://www.youtube.com/watch?v=dFqe4LtQPFg&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=7&t=75s)> Acesso em: 08 de novembro de 2021.

\_\_\_\_\_. Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1. Vídeo com Camila Guedes Guerra e Erika Vanessa de Lima Silva. YouTube, 18 de outubro de 2021. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=jkkh\\_GtN9RE&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=6](https://www.youtube.com/watch?v=jkkh_GtN9RE&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=6)> Acesso em: 18 de outubro de 2021.

\_\_\_\_\_. Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1. Vídeo com Cristiano Vaz. YouTube, 22 de novembro de 2021. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=duRIJ6ZJnOI&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=9&t=433s](https://www.youtube.com/watch?v=duRIJ6ZJnOI&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=9&t=433s)> Acesso em: 22 de novembro de 2021.

\_\_\_\_\_. Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1. Vídeo com Cristiano Pereira Vaz. YouTube, 25 de outubro de 2021. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=0\\_D-nkpVZXo&list=PLvPjZ\\_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=7&t=54s](https://www.youtube.com/watch?v=0_D-nkpVZXo&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=7&t=54s)> Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

LOPES, Luciane Bresciani. Emergência dos estudos surdos em educação no Brasil. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

MOURÃO, C. H. N. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/0418256905258517>> Acesso em: 22 de março de 2022.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. Narrativas Surdas e Percursos Acadêmicos. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PONTIN, B. R. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/8093229227967644>> Acesso em: 22 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. Narrativas de processos de normalização dos sujeitos surdos através de próteses auditivas nas políticas de governo da atualidade. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

\_\_\_\_\_. Narrativas docentes sobre alunos surdos com implante coclear em escolas de surdos. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

QUARTAS NA FACED. UFRGS, 2018. Disponível em:

<<https://www.ufrgs.br/faced/quartas-na-faced/>> Acesso em: 14 de março de 2022.

REIS, Flaviane. A docência na educação superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos. 2015. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

ROSA, E. F. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/1899263994075291>> Acesso em: 22 de março de 2022.

SILVA, E. V. L. Narrativas de professores surdos sobre a escrita de sinais. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

\_\_\_\_\_. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em:

<<http://lattes.cnpq.br/7300478124559500>> Acesso em: 22 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Ana Luiza P. Caldas e Cristiano P. Vaz. YouTube, 09 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yv0QBqIpxP0&t=1672s>> Acesso em: 26 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Camila Guedes Guerra. YouTube, 02 de julho de 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=7VJTC0LoW\\_Y&t=2729s](https://www.youtube.com/watch?v=7VJTC0LoW_Y&t=2729s)> Acesso em: 02 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Cristiano Pereira Vaz. YouTube, 27 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jQMOdkVLXwU&t=956s>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Erika Vanessa de Lima Silva. YouTube, 23 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IOASJSIjkYc&t=14620s>> Acesso em: 27 de fev. de 2022.

SILVEIRA, C. H. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7130771347480149>> Acesso em: 22 de março de 2022.

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, 1990.

VAZ, C. P. Currículo do sistema currículo Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/0109610806230251>> Acesso em: 22 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Bianca Ribeiro Pontin e Camila Guedes Guerra. YouTube, 06 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G2jCw61ex1g>> Acesso em: 25 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Bruna Fagundes A. Alberton e Erika Vanessa de L. Silva. YouTube, 13 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=50C6bHpywhc&t=3055s>> Acesso em: 19 de fev. de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Camila Guedes Guerra, Claudio Henrique Nunes Mourão e Erika Vanessa de Lima Silva. YouTube, 23 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=keFx1mjkiJo&t=1817s>> Acesso em: 16 de fev. de 2022.

\_\_\_\_\_. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Camila Guedes Guerra. YouTube, 16 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ERCMBQhjAhQ&t=2696s>> Acesso em: 01 de março de 2022.

VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa e LOPES, Maura Corcini. Apresentação da Seção Temática - Educação de Surdos: desdobramentos filosóficos, linguísticos e pedagógicos. Educação & Realidade [online]. 2016, v. 41, n. 3, p. 635-638.